



JN

AABRIR

Velhos e beatas

POR Domingos de Andrade
Diretor

Cada número é uma agressão. Um idoso. Uma idosa. Às vezes um estalo. Mas há muros. Pontapés. E sabe-se lá que misérias mais escondem quatro paredes. Às vezes de um familiar. Um filho ou uma filha. Outras de um cuidador. Pago para cuidar.

Os números são aterradores. Quase quatro mil só nos primeiros meses deste ano. Mas tanto as polícias como a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima temem que sejam muitos mais. Bastantes mais, escondidos na vergonha da denúncia e no medo da solidão. De acabarem sozinhos.

Os números são aterradores, mas bastaria um. Com um nome e um rosto. E não há um clamor. Uma tênue revolta. Uma indignação. Vá, uma pequena intenção, quanto mais não fosse para reforçar os meios do Ministério Público, que, perante tantos processos abertos no ano passado (15 997), assume, em declarações a este jornal, ser a violência contra idosos uma área de intervenção prioritária, uma realidade que "merece particular atenção por parte da investigação criminal".

Há falta de políticas concretas para as terceira e quarta idades, lares decentes, integração social, combate ao abandono e à solidão. Mas perante os velhos, o país político que criou nos anos da troika a inveja geracional, empurrando a "peste grisalha" para o patamar dos alegados privilegiados, não é muito diferente do país político que se entretém a aprovar e a debater muitas pesadas para os prevaricadores das beatas de cigarros.

Não está aqui em causa a necessidade de sensibilização de um povo que ainda cospe para o chão de perceber que a responsabilidade entre gerações é também tentar deixar como herança um planeta melhor, que se afunda no aquecimento global. Está sim a criação da brigada do policiamento dos costumes, todas as dúvidas sobre quem fiscaliza, com que meios, como se regista o cadastrado que deitou a beata para o chão, a carta de pontos do prevaricador, mas sobretudo a falta de perspetiva e de noção da realidade das necessidades dos portugueses. Mas é provável que os velhos não sejam uma causa fraturante.

FACT CHECK

O ministro da Justiça do Brasil *utu-se envolvido em nova polémica após a divulgação de conversas privadas com um procurador a propósito da Operação Lava Jato*

Facto

Porque não apresenta tudo? Se tem irregularidade (...) apresenta tudo para uma autoridade independente verificar

Sérgio Moro
Ministro da Justiça do Brasil



Verificação

O juiz influenciou a acusação?

Segundo o Intercept, conversas privadas revelam que o ex-juiz Sérgio Moro sugeriu ao procurador e responsável pelas investigações da Lava Jato, Deltan Dallagnol, que alterasse a ordem das fases da operação, deu conselhos e indicou caminhos de investigação. Ou seja, teria ajudado a acusação, o que viola a legislação brasileira.

Moro desafia Intercept

Há dois dias, o Intercept revelou mais mensagens, nas quais Moro pediu à acusação que contestasse as contradições no depoimento de Lula, preso desde 2018, por causa da posse de um apartamento de luxo no Guarujá. Moro veio desafiar o Intercept a publicar tudo.

Uma atuação concertada?

Por sua vez, a defesa de Lula da Silva não se fez esperar e fala de uma atuação concertada entre procuradores e Sérgio Moro para condenar o ex-presidente. Moro diz que não, mas certo é que os procuradores, tal como sugeriu o juiz, divulgaram mesmo um comunicado para expor as contradições no depoimento de Lula.

Deve Lula da Silva continuar preso?

Sérgio Moro diz que foi vítima de um ataque de "hackers". A questão é: as mensagens são verdadeiras ou não? E se, são, não denunciam uma falta de imparcialidade (e de ética) que fere de morte todo um processo que acabou na prisão de um homem? E se são, pode esta acusação ser validada?

CIDADANIA IMPURA

Greve geral no Brasil

POR Valter Hugo Mãe
Escritor

A política é, a 14 de junho de 2019, o produto mais tóxico do Brasil. A memória ainda fresca do descontrolo da Esquerda, a evidência sempre pasmante da Direita em exercício, encurralam os brasileiros num confronto que apenas sobe de tom. Imaginem a paixão pelo futebol, o quanto ela propende para uma filiação irracional, uma certa profissão de fé. Imaginem se milhares ou milhões de pessoas perdessem o emprego caso o Benfica fosse campeão, e outras tantas vissem os seus salários desvalorizar, diminuir ou congelar. Imaginem que por ganhar o Benfica as mulheres passavam a ser vistas como animais inferiores, e os homossexuais fossem agredidos e insultados ou os negros chamados de gado. Pensem no irracional das paixões do futebol e ponderem como seria impraticável a sociedade se com elas fundamentássemos o voto e administrássemos o nosso Governo. Os benfiquistas campeões mandando barbaridades, os demais recusando obediência, ofendidos em sua própria fé.

O Brasil é uma ferida exposta assim. Não há cicatriz. Cada gesto é um golpe mais fundo, um golpe em outro lugar, que traz a carne à rua. O mais macabro da situação leva a que uns e outros sejam impelidos para serem agentes de predação. Intoxicados pela política que desmorona, os cidadãos comuns antagonizam quem podem antagonizar: os seus pares. Desde o ano 2000 que não via o Brasil tão triste.

Dia 14 de junho, greve geral, saio do Rio de Janeiro onde as manifestações são inexpressivas. Explicam-me que os cariocas, le-tárgicos já desde as Olimpíadas, se sentem longe do poder, adiantaria pouco correrem o risco de serem violentados. Depois das eleições, aqueles que não são pelo Benfica, mesmo que não sejam particularmente adeptos de futebol algum, evitam a pronúncia. Multiplicam-se os casos de ameaça, as armas mostradas ou imitadas, a intimidação descarada. No Rio dizem-me que esta é uma greve paulistana e haverá de ter um pouco mais de gente em Brasília, não tanta quanto seria

normal, porque a retaliação deixou de ser normal.

Chego a São Paulo ao início da tarde. A cidade brava onde talvez a opacidade da selva de betão permita que vozes assumam ainda a discórdia. As estradas limpas, escassos automóveis. Aquela aproximação maravilhosamente imperfeita do inverno, debaixo de um sol intenso, calor. A cidade parou. Nas manifestações, não tão cheias, há confrontos. A Polícia intimida quem não faz sequer confusão. A ideia é a mesma que todos discutem: impedir que a Oposição se manifeste. Incutir o medo de opinar.

Na Avenida Paulista um mendigo carrega dois paus pregados em forma de cruz. É um Cristo contemporâneo. Assiste impávido. Diz-me que se curou de todos os problemas da sociedade. Diz: a maioria não é fascista. Ganham porque votaram os fascistas e os que odiavam o Governo. E ganharam porque muita gente não faz nada. Como eu. São indigentes. Mas eu assumo. Carrego minha cruz pelas ruas fedendo igual cachorro.